



CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO – UNILEÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MARIA SÁWILLA MOURA DE LIMA

**UMA ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA
SOBRE CORPO E OS IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL DOS ADOLESCENTES NA
PERSPECTIVA ANALÍTICA-COMPORTAMENTAL**

Juazeiro do Norte
2019

MARIA SÁWILLA MOURA DE LIMA

**UMA ANÁLISE DA PERCEÇÃO DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA
SOBRE CORPO E OS IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL DOS ADOLESCENTES NA
PERSPECTIVA ANALÍTICA-COMPORTAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso de
Graduação em Psicologia do Centro
Universitário Dr. Leão Sampaio, como
requisito para a obtenção do grau de
bacharelado em Psicologia.

Orientador: Tiago Deividy Bento
Sefarim

Juazeiro do Norte
2019

UMA ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA SOBRE CORPO E OS IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL DOS ADOLESCENTES NA PERSPECTIVA ANALÍTICA COMPORTAMENTAL

¹Maria Sáwilla Moura de Lima

² Tiago Deividly Bento Serafim

RESUMO

O corpo na atualidade é considerado um importante aspecto social com grande influência sobre os indivíduos, independente de idade, sexo ou raça. O objetivo desse estudo foi realizar uma análise da percepção da sociedade contemporânea sobre o corpo e os impactos na saúde mental dos adolescentes, visto que a adolescência é compreendida como uma fase de transformações física e psicológicas o que faz com que os mesmos estejam mais susceptíveis a buscar se encaixar em padrões socialmente impostos que são considerados inalcançáveis podendo assim levá-los a sofrimento físico e psíquico. Nesse sentido, o presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa empírica, com adolescentes, estudantes regulares do ensino fundamental de uma escola pública da cidade de Juazeiro do Norte- Ceará, por meio de entrevista semiestruturadas, onde se pôde compreender a forma como as idealizações sociais relacionadas ao corpo afetam a saúde mental destes, os levando a um sofrimento por acreditarem na existência de um corpo ideal, e terem que lidar com o corpo real.

Palavras-chave: Adolescência. Corpo. Sociedade. Comportamento Social. Saúde Mental

ABSTRACT

The body today is considered an important social aspect with great influence on individuals, regardless of age, gender or race. The aim of this study was to conduct an analysis of the perception of contemporary society about the body and the impacts on the mental health of adolescents, since adolescence is understood as a phase of physical and psychological transformations, which makes them more susceptible to them. Seeking to fit into socially imposed standards that are unreachable can thus lead to physical and mental suffering. In this sense, the present study is characterized as an empirical research with adolescents, regular elementary school students from a public school in the city of Juazeiro do Norte-Ceará, where through semi-structured interviews one can understand how the social idealizations related to the body affect their mental health.

Keywords: Adolescence. Body. Society. Social behavior. Mental health.

¹Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. E-mail: mariasawilla@gmail.com

²Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. E-mail: tiagodeividy@leaosampaio.edu.br

1. INTRODUÇÃO

A compreensão de corpo na atualidade é fruto de incontáveis transformações sociais o que torna a sociedade a principal responsável por disseminar padrões de vida inalcançáveis gerado por grandes conflitos de interesses culturais, econômicos e políticos, tornando perceptível que a mesma detém influência sobre os comportamentos dos sujeitos inseridos nela.

A adolescência, por exemplo, é caracterizada por ser uma fase de transformações, onde estes vivenciam mudanças físicas, orgânicas e psíquicas sendo redirecionado ao contexto social em que estes estão inseridos. Diante disso, torna-se notório que a adolescência é uma fase na qual carrega representações sociais que acabam por generalizar comportamentos específicos a esse determinado grupo, onde muitas vezes banaliza-se o sofrimento psíquico do adolescente com a justificativa em estereótipos que a sociedade impõe a essa fase.

Nessa perspectiva, torna-se cada vez mais evidente que há uma grande influência da sociedade sobre a percepção corporal dos adolescentes, visto que está impõe padrões corporais inatingíveis, atrelada as representações sociais do que é ser adolescente na sociedade contemporânea. Logo, compreende-se a necessidade de gerar reflexões sobre esse assunto, que vem sendo discutido mais fortemente nos últimos anos, levando a compreensão de como os impactos da percepção social pode afetar diretamente a saúde dos seus indivíduos, proporcionando assim cogitações sobre possíveis meios de intervenções que abarquem demandas relacionadas à imagem corporal, visto que esta é fortemente influenciada por aspectos socioculturais (HART, 2003 e SMOLAK, 2004).

A partir disso o intuito dessa pesquisa é apresentar uma análise, com bases nos preceitos analítico-comportamentais, dos impactos na saúde mental dos adolescentes, causados pela percepção da sociedade sobre o corpo por meio de uma análise de conteúdo qualitativa dos discursos dos adolescentes estudantes regulares da Escola de Ensino Fundamental José Marrocos, localizada em Juazeiro do Norte – Ceará, sobre a forma como estes percebem seus corpos diante da existência de um corpo idealizado socialmente gerando reflexões sobre as suas imagens corporais, compreendendo que este é um importante aspecto psicológico e interpessoal na adolescência (DAMASCENO 2006).

1.1. CONCEITUANDO A ADOLESCÊNCIA A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA CULTURAL

A compreensão de infância na atualidade é fruto de inúmeras transformações sociais. A respeito do mundo infantil Neil Postman (1999) discute que na idade média, as crianças eram como mini adultos e desempenham papéis semelhantes aos mesmos. Apesar da ideia de escola ter sido postulada pelos gregos, não foram os mesmos que se atentaram para compreender o período da infância como algo distinto a vida adulta.

Entretanto, foram os romanos com a noção de “vergonha” moralista que conseguiram perceber o afastamento das crianças em relação aos adultos por perceberem a necessidade de distanciá-los dos segredos que somente os adultos teriam, como por exemplo, questões relacionadas à sexualidade. “Assim, foi-se desenvolvendo a ideia de que as crianças, em sua individualidade, necessitavam de proteção e cuidados, de escolarização, bem como precisavam estar a salvo dos segredos dos adultos” (MELO; IVASHITA; RODRIGUES, 2009, p. 312).

Ainda nesse período, a tipografia surge como um grande avanço no meio da comunicação e as pessoas foram divididas entre as que eram alfabetizadas e não alfabetizadas. Nessa perspectiva, antes de se tornarem adultos as crianças precisavam passar por uma alfabetização para assim adentrarem a adultez.

De acordo com Melo; Ivashita; Rodrigues, (2009, p. 312):

Ao surgimento ou à invenção da prensa tipográfica e às mudanças culturais relacionadas à novidade que o ato de ler realizado individualmente significava, somaram-se elementos para que ocorresse a disseminação e a hierarquização do conhecimento, ampliando-se a necessidade da alfabetização, o que, por sua vez, contribuiu para a expansão da ideia e criação de escolas.

Por esse ângulo, torna-se notório que os avanços da tipografia contribuíram diretamente para que a civilização europeia transformasse o sentido de escola e tornasse a infância uma necessidade, visto que antigamente o que demarcava a infância e a adultez seria apenas o processo de fala, agora a alfabetização passou a ser um dado necessário para que essa transição ocorra.

Após esse marco, inúmeras foram as transformações que ocorreram para se chegar à noção de infância da atualidade, desde a linguagem até as vestimentas utilizadas por ambas as partes. Como consequência disso, a família moderna também passou por transformações, pois

agora os adultos desempenhariam o papel fundamental de “preparar a criança para a administração do mundo simbólico do adulto” (PEREIRA, 2011, p.149).

Diante dessas incontáveis transformações, e após o afastamento entre crianças e adultos, começou-se a perceber também que para além da criança e do adulto, haveria um período do desenvolvimento humano visto como intermediário: a adolescência. A compreensão do período da adolescência é algo que vem sendo discutido mais fortemente após a revolução industrial no início do século XIX. Os avanços nos estudos sobre a adolescência se deram devido a inúmeras mudanças sociais que foram resultadas da revolução industrial (AMARAL, 2007).

As instalações das grandes fábricas inglesas contribuíram para que as crianças adentrassem o mundo dos adultos, pois era uma alternativa de mão-de-obra barata, entretanto, uma onda de humanização em favor das crianças começou a se alastrar por toda a Europa que fez com que o governo tornasse responsável pelo bem-estar das mesmas, ou seja, não se enxergava mais as crianças como mini adultos e o ambiente fabril agora não seria mais ocupado por crianças (PEREIRA, 2011).

Em torno do ano de 1890 os olhares e interesses literários e políticos sobre o período da adolescência foram ficando cada vez mais forte e a adolescência passa a ser caracterizada como um emaranhado de fatores de ordem individual, por estar associada à maturidade biológica, e de ordem histórica e social, por estar relacionada às condições específicas da cultura na qual o adolescente está inserido (ARIÈS, 1971).

Ao compreender a infância e adolescência como um período específico do desenvolvimento humano, inúmeros estudos sobre o tema foram aprofundando o conceito de adolescência na contemporaneidade. A adolescência é vista como “uma expressão da interação psicossocial, e, por conseguinte um fenômeno sociocultural” (KLOSINSKI, 2006 apud XAVIER, NUNES, 2013). Ou seja, a adolescência é um momento vivenciado pelos sujeitos e interpretado por uma determinada sociedade (LEVINSKI, 1998).

As nações começaram a ter um significado de infância e adolescência diferente devido a uma variável importantíssima para definição da mesma: a cultura (PEREIRA, 2011). No Brasil, através da Lei 8.069, de 1990 foi instituído o Estatuto da criança e do adolescente (ECA), que é responsável por garantir os direitos desse público, e responsabiliza o Estado, a sociedade e a família por garanti-los. O estatuto define como adolescente aquele que possui a faixa etária entre doze anos de idade completos e dezoito anos de idade incompletos, podendo se estender em casos específicos até os vinte e um anos de idade. Já a Organização Mundial da Saúde (OMS) define como adolescência um período composto de inúmeras mudanças

físicas e psicológicas que tem início aos dez anos de idade e se estende até os dezenove anos (BRASIL, 1990).

O que demarca a transição, além da idade postulada pela ECA e OMS, são as mudanças consideradas significativas para a que se perceba tal transição, como as mudanças físicas, que são as primeiras a serem notadas, tais como o desenvolvimento da estatura corporal. As mudanças orgânicas também passam a ser percebidas, como o desenvolvimento de caracteres sexuais primários e secundários, como o aparecimento dos seios nas meninas, e aumento dos testículos nos meninos e em ambos o aparecimento dos pelos pubianos (AMARAL, 2007).

Para além do desenvolvimento biológico dos adolescentes, as modificações psicológicas também se tornam perceptíveis. De acordo Aberastury (1980), a adolescência é o período mais difícil que o seu humano pode vivenciar, pois é para o autor, um período crucial onde tem como características contradições e confusões. Nessa perspectiva, ao compreendermos que a adolescência é diretamente ligada às questões biológicas, sociais e culturais, Knobel (1981) discuti que os adolescentes passam por uma alta vulnerabilidade para compreender os efeitos que as imposições familiares e sociais causam.

Nessa lógica, podemos compreende-se que a adolescência não pode ser vista somente como um período normal do desenvolvimento, mais que, além disso, ela é uma construção social que, independente da cultura a qual o adolescente esteja inserido, afeta diretamente a subjetividade destes (AMARAL, 2007).

1.2. PERCEPÇÃO E IMAGEM CORPORAL NA ADOLESCÊNCIA

As noções de corpo na atualidade é fruto de grandes transformações. O corpo carrega consigo representações atreladas às questões sociais, culturais e econômicas desde a antiguidade. Durante o período do renascimento, por exemplo, o corpo passa a ser percebido como algo que reflete características intrínsecas do sujeito. Logo, a forma como o corpo se apresentava dizia respeito sobre como aquele sujeito seria e estar fora dos padrões mesmo tendo inúmeros meios dietéticos é visto como desleixo, ao considerar que “passou a ser fundamental ter como atributo a beleza, que passa a ser uma obrigação, pois a fealdade era agora um indicador claro de uma inferioridade social” (VASCONCELOS; SUDO; SUDO; 2004 p.70).

Diante disso, compreende-se que a forma como o sujeito lida com seu corpo, é reflexo direto de uma realidade coletiva, pois o mesmo passa a ter um sentido dentro de um contexto

social, o que vem sendo percebido desde a Idade Média onde o corpo não era visto fora de um campo social, era um corpo aberto e expansivo aos sentidos sociais (RODRIGUES, 2001).

Compreender o corpo como uma expressão social, é segundo Vasconcelos *et al* (2004), remeter-se a ideia de que desde as ações do corpo consideradas básicas como o andar é também pautado por forças sociais atreladas ao corpo físico. Todavia, na atualidade o corpo é compreendido como individual pautado por disputas socioeconômicas e visto como uma mercadoria na qual deve possibilitar retornos e deve exibir-se como algo que expressa saúde.

Nessa perspectiva, o corpo saudável passa a ser aquele dentro dos padrões delimitados socialmente, e neste sentido, a sociedade contemporânea passa a estabelecer diretrizes que instituem uma cultura da magreza, em que se compreende o corpo gordo como algo a ser negativado por um ideal de saúde estabelecido pela sociedade. O controle do corpo se transformou em uma questão de boas maneiras, visto que este é agora entendido como o símbolo da própria felicidade, sendo principalmente um resultado, um cartaz de como o sujeito é internamente (BUCKNER, 2002, apud VASCONCELOS *et al*, 2004). Ou seja, é o corpo um dos fatores fundamentais na construção da identidade social dos sujeitos (GARRINI, 2017).

Por esse ângulo, ao reconhecer o corpo como um fator fundamental na construção da identidade social, nota-se que a percepção do próprio corpo traz consigo uma relação direta com a satisfação ou insatisfação corporal, onde representam a aceitação ou negação da sua imagem corporal diante dos padrões estabelecidos pela sociedade (CIAMPO, 2010).

A compreensão de imagem corporal na atualidade é baseada em aspectos biológicos, psicológicos e sociais, e é compreendida como a forma que o sujeito tem de si mesmo em relação a tamanhos, e idealizações do próprio corpo, estando atreladas diretamente as noções de corpo perfeito determinadas pela sociedade (SOUSA, ARAÚJO, NASCIMENTO, 2016).

A discrepância entre a imagem corporal real e a imagem corporal idealizada, influenciada fortemente pelos meios de comunicações audiovisuais, é o que levam os sujeitos a buscarem métodos para se encaixar nos padrões sociais, os levando assim a uma forte distorção da imagem corporal nos níveis físicos, emocionais e mentais. (SECCHI; CAMARGO; BERTOLDO, 2009). Assim sendo, torna-se cada vez mais nítida a forma como a sociedade legitima a busca por corpos perfeitos, apontando e discriminando corpos fora dos padrões, independente de sexo e idade.

Ao tratar sobre a adolescência, considerando a mesma como uma fase com um valor determinante para estruturação do sujeito devido proporcionar descobertas relacionadas à sexualidade, crença e a percepção de si, que são fatores fundamentais na construção da

identidade dos adolescentes, torna-se perceptível que os comportamentos dos adolescentes em buscar o corpo idealizado pelo meio social e principalmente propagado por amigos, familiares e sociedade de forma geral, acabam por deixá-los tendenciosos a buscar meios que os levem ao corpo perfeito, atitudes estas que afetam diretamente a saúde física e mental dos mesmos.

No entanto, é a mídia que desempenha um dos papéis fundamentais na construção da identidade dos adolescentes, onde dita padrões em relação ao corpo, comportamentos e sentimentos relacionados ao consumismo. Logo, compreende-se que a mídia é responsável por naturalizar comportamentos que causam sofrimento nos sujeitos, visto que devido a suas imposições muitos adolescentes buscam frequentar lugares populares, e reproduzem comportamentos e vestimentas idealizados no mundo da moda e propagados pela mídia (CIAMPO; CIAMPO, 2010).

1.3. PSICOLOGIA ANALÍTICA COMPORTAMENTAL E OS COMPORTAMENTOS SOCIAIS

Fonte de discussão desde o início dos tempos, o comportamento humano é algo passível de compreensão, visto que sempre há um organismo se comportando. Apesar de ser algo que se tem fácil acesso, de acordo com Segundo Skinner (2003, p.16):

O comportamento é uma matéria difícil, não porque seja inacessível, mas porque é extremamente complexo. Desde que é um processo, e não uma coisa, não pode ser facilmente imobilizado para observação. É mutável, fluido e evanescente, e, por esta razão, faz grandes exigências técnicas de engenhosidade e energia do cientista.

Falar sobre o comportamento em situações específicas torna-se uma narrativa capaz de esclarecer dados as pessoas que não experienciaram a situação em primeira mão. Entretanto, o fato de narrar determinadas situações, por mais ricas de detalhes que sejam, é apenas a origem da ciência do comportamento. Logo, o passo seguinte à descrição seria descobrir a uniformidade existente nos comportamentos. Ou seja, quando essa narrativa vem com o intuito de reforçar um argumento acaba-se por sugerir uma regra geral. Desta maneira “os métodos da ciência destinam-se a esclarecer estas uniformidades e torná-las explícitas” (SKINNER, 2003; p. 17).

Ao observar as variáveis dependentes e independentes do comportamento, nota-se a importância de se observar qualquer evento que evoque efeitos no comportamento humano.

Ao constatar-se e realizar-se uma boa análise dessas causas, tornarem-se possível descrever, prever e modelar o comportamento na medida em que este possa ser manipulado. Isto é, “qualquer evento conspícuo que coincida com a emissão de um comportamento humano pode bem ser tomado como uma causa” (SKINNER, 2003; p. 25).

Nessa perspectiva, ao interessar-se a esse modelo de causalidade, que de acordo com Moore (2008) apud Neri; Fonseca, (2018) na proposta do Behaviorismo radical, o ambiente seleciona características comportamentais da mesma forma que seleciona características morfológicas, segundo a noção de evolução pela seleção natural proposta por Darwin. Ou seja, determinadas características comportamentais são selecionadas ao longo do tempo de acordo com sua adequação ao ambiente (NERI; FONSECA, 2018).

Nessa perspectiva, de acordo com Skinner (1981) existem três níveis em que ocorre seleção de comportamento por consequência. O primeiro nível, denominado filogenético, diz respeito à seleção dos comportamentos inatos, que são advindos das evoluções das espécies. O segundo nível é o ontogenético, onde a seleção de comportamento se dá durante a história de vida de um organismo, isto é, as consequências de um comportamento afetam diretamente a probabilidade de este ocorrer futuramente em situações semelhantes, caracterizando assim um repertório comportamental operante.

A seleção cultural é o terceiro nível, que se caracteriza por ações de uma determinada cultura, onde os sujeitos encontram-se inseridos em uma determinada sociedade/comunidade e estão diretamente em contato com a cultura pertencente à mesma, logo, através de reforço social o nosso repertório comportamental são adequadas às práticas culturais mantidas por contingências sociais.

Nessa perspectiva, ao dar-se ênfase a seleção cultural, nota-se que apesar de ser percebido que o organismo se comporta de maneira individual, muitos questionamentos foram voltados à busca pela explicação do porque os organismos se comportavam juntos, que resultou no conceito de metacontigência, discutido a primeira vez pela autora Sigrid Glenn (1986), onde se compreende que a mesma “envolve contingências socialmente determinadas. O elo de comportamentos individuais em uma metacontigências é a consequência em longo prazo que afeta toda a sociedade (ou grupo de pessoas) ” (MOREIRA; MARTONE; TODOROV; 2003 p. 10).

Nessa lógica, adentra-se ao que Skinner (1981) nomeou como comportamento social, no qual se caracteriza como um comportamento que ocorre com dois ou mais organismos em relação com um ambiente social que “apresenta todos os aspectos de um ambiente não social, como por exemplo, estímulos antecedentes e consequências, com a peculiaridade desses

aspectos poderem ser estabelecidos por outras pessoas” (MARTONE; BANACO; 2003 p. 63).

Quando dois ou mais organismos atuam sobre um único ambiente, mesmo que de maneiras distintas, é caracterizado o comportamento social. Entretanto, as formas como esses organizaram podem outrora assemelharem-se devido às contingências do ambiente, estas que “são fundamentais para compreensão do comportamento humano dentro da cultura” (MARTONE; BANACO; 2003. p. 65).

2. METODOLOGIA

2.1. TIPO DE ESTUDO

O estudo caracteriza-se como uma pesquisa empírica por ser uma pesquisa que foi realizada na sua maior parte no ambiente onde ocorrem os fenômenos, onde a possibilidade da observação direta do pesquisador e/ou aplicação de ferramentas de pesquisa, como a entrevista semiestruturada, com o intuito de obter dados sobre o fenômeno estudado (GIL, 2002). Além de assumir um caráter exploratório por buscar um conhecimento mais aprofundado sobre o fenômeno em questão (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

2.2. CENÁRIO DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada em uma escola de médio porte da cidade de Juazeiro do Norte- Ceará, que atualmente conta com 487 alunos regulares divididos entre as turmas de Ensino Fundamental II e EJA.

2.3. SUJEITOS DA PESQUISA

Foram incluídos nesta pesquisa 06 (seis) participantes, considerando o critério de saturação em pesquisas qualitativas onde se compreende que não há mais informações que alterem o fenômeno estudado (NASCIMENTO *et al*, 2018). Os adolescentes tinham idade entre 12 (doze) e 17 (dezessete) anos, estudantes regulares da instituição de ensino, que se encontravam disponíveis para contribuir com a pesquisa, apresentando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e Pós-Esclarecido devidamente assinado pelos pais ou responsáveis legais.

2.4. ASPECTOS ÉTICOS

A pesquisa foi realizada após a autorização da instituição, bem como a apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e Pós-esclarecido devidamente assinado pelos pais ou responsáveis dos adolescentes. Aos sujeitos da pesquisa foi proporcionado um ambiente acolhedor com o intuito de minimizar os riscos da pesquisa, além do repasse de informações sobre seus direitos quanto participantes desta.

2.5. INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

A coleta de dados se deu por meio da realização de uma entrevista semiestruturada, compreendendo que a “entrevista é entendida como um “espaço relacional” que se caracteriza por uma proposta de diálogo e/ou conversações a respeito de um tema específico” e que o questionário semiestruturado da abertura para novas indagações do pesquisador relacionadas ao que já foi perguntado ao entrevistado sobre o fenômeno estudado (MOREÍ, 2019).

As entrevistas, que foram transcritas na íntegra no mesmo dia da sua realização, aconteceram individualmente em uma sala disponibilizada pela instituição de ensino, com duração média de oito minutos. As perguntas norteadoras foram: Qual o significado de corpo para você? Para você, existe um tipo de corpo ideal? Porque esse tipo de corpo é o ideal? O que você acha correto fazer para ter e/ou manter um corpo ideal? Como se sente frente à imposição da manutenção de um corpo ideal?

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A entrevista semiestruturada foi realizada com adolescentes identificados pela ordem de realização da mesma. Dos seis entrevistados, apenas o primeiro era do sexo masculino. Os três primeiros tinham treze anos e os três últimos tinham, respectivamente, onze, doze e quatorze anos.

De acordo com os resultados das entrevistas, pode-se enfatizar uma discussão em três categorias: 3.1. O significado de corpo na perspectiva dos adolescentes; 3.2. As práticas culturais e a percepção de corpo ideal; 3.3. O impacto do corpo idealizado na saúde mental dos adolescentes;

3.1.O SIGNIFICADO DE CORPO NA PERSPECTIVA DOS ADOLESCENTES

“Corpo é uma coisa que tem mão, braço, pescoço, cabeça, dedos, pernas. ”
(Entrevista 01)

“Ah, corpo é um estado físico, né!?” (Entrevista 02)

“Algo que faz parte da gente! ” (Entrevista 03)

“Corpo para mim é uma obra de arte! ” (Entrevista 04)

“É o ponto chave da gente, não precisa ser perfeito, não precisa um padrão, a pessoa tem que ter seu próprio corpo do jeito que quer. É isso, corpo é... não sei uma definição, mas corpo é... não consigo dizer!” (Entrevista 05)

“O que a pessoa tem, tipo (risos) o que a pessoa tem, essas carnes (pegou no braço) ... Corpo pra mim é um pessoa que tem corpo, dentro do corpo tem órgãos, dentro dos órgão tem bactérias. ” (Entrevista 06)

Em algumas das falas dos adolescentes mais precisamente nas entrevistas 01, 02 e 06, pode-se notar a forma como estes detêm uma compreensão biológica de corpo que se encontra atrelada as noções individuais, todavia, o mesmo passa a ser interpretado como um reflexo de um coletivo e compreendido em um contexto cultural, como é percebido nas entrevistas 03, 04 e 05.

É através dessa compreensão biológica de corpo que muitas vezes se propagam ideais de saúde no contexto social atreladas ao saber médico, no qual deve ser compreendido não como um saber neutro, mas como um saber legitimado e propagado cientificamente e socialmente. Assim sendo, pode-se concluir que a visão biológica que se tem sobre o corpo está correlacionada ao saber médico e é propagada pelo senso comum, que influenciada pelo ideal de saúde dos saberes biomédicos, acabam por apontar e exigir aos sujeitos pertencentes à sociedade o tido como um corpo saudável: o corpo magro (CAMPOS, *et al*, 2016).

O corpo na atualidade é visto com aspectos sociais e individuais, sendo muitas vezes percebido como um “objeto privilegiado de se entenderem as conexões presentes entre a ordem social e biológica, expressando as relações existentes entre o indivíduo e a sociedade” (VASCONCELOS *et al*, 2004).

Desde o nascimento o ser humano é exposto a pressões sociais que adéquam desde o andar da criança, até a maneira correta de se expressar de um adulto e de maneira gradativa, a cultura na qual o sujeito está inserido, delimita as possibilidades corporais que os sujeitos podem alcançar (LIMA; SANTOS; 2007).

Nessa perspectiva, entende-se que a cultura como uma forma de vivência compartilhada por determinadas pessoas pertencentes a um grupo social, é o principal fator que faz com que se modele o comportamento de um determinado sujeito às regras impostas da sociedade. Segundo Moreira; Machado; Todorov, (2013, p. 16) “a cultura se refere, então, às contingências de reforço social que geram e mantêm o comportamento dos membros de um

determinado grupo social, cuja existência vai além do período de vida dos membros do grupo”.

3.2. PRÁTICAS CULTURAIS E A PERCEPÇÃO DE CORPO IDEAL

“ Um corpo perfeito, aquele que tem detalhes e formas diferentes. ”

(Entrevista 01)

“Corpo ideal não existe, mas eles colocam muito o padrão... (Entrevista 02)

“Um corpo ideal... Não muito acima do peso. É só isso mesmo...” (Entrevistada 03)

“As vezes por não achar bonito, as vezes por se achar gordo de mais, as vezes magro de mais [...]. Antes eu era gorda, muito gorda, fora dos limites, e agora eu emagreci e não tenho mais esses transtornos! ” (Entrevista 04)

“Um corpo perfeito, cintura fina, bunda grande, peito grande, magrinha...” (Entrevista 05)

“.. Para mim eu acho que o corpo ideal seria necessário, mesmo assim o importante é a pessoa se amar do jeito que ela é.” (Entrevista 06)

A compreensão de corpo num âmbito social para os adolescentes entrevistados é percebida com aspectos que ultrapassam as noções biológicas já discutidas anteriormente. O padrão corporal que estes descrevem nas entrevistas 03, 04 e 05 com características semelhantes, sempre se remetendo ao corpo magro, deixam notória a forma como estes interpretam o corpo como um corpo social carregado e disseminado pelas práticas culturais que pode ser entendida como comportamentos de organismos que ocorrem em um ambiente social, ou seja, comportamentos das pessoas que compõe a sociedade em buscar o corpo padrão que acontecem socialmente e são de certa forma naturalizados.

De acordo com Skinner (1971/1972), é através das práticas culturais que se consegue descreverem uma cultura, seja ela de ordem econômica, religiosa, racial e etc. Normalmente, tende-se a descrever as práticas culturais que dominam determinada cultura, entretanto, várias práticas pode acontecer simultaneamente, o que dá base para percepção dos comportamentos sociais.

A repetição de um padrão corporal na fala dos adolescentes elucidada a forma como os comportamentos sociais acontecem, onde a forma como um adolescente enxerga o corpo idealizado faz com que outros adolescentes expostos muitas vezes as mesmas contingências sociais reafirmem essa idealização. Quando um organismo se torna ambiente para que o comportamento do outro organismo aconteça, pode-se aí dizer que se tem um ambiente social e quando esse ambiente é estruturado por um conjunto de pessoas se comportando simultaneamente resulta em práticas sociais (MELO; MACHADO; 2013).

Todavia, considerando que todo aprendizado se dá de maneira individual, torna-se importante o entendimento de que a probabilidade de um comportamento acontecer em um

ambiente é derivada do seu contexto histórico e atual entendido como um repertório comportamental do indivíduo (SILVA *et al*, 2018). Por essa via, compreende-se que mesmo estando expostas as mesmas contingências, os adolescentes podem se comportar diferente dos demais por conta da variável ontológica dos mesmos, entretanto, isso não anula a possibilidade do mesmo ser afetado fisicamente e psicologicamente por essas contingências. Esse fenômeno é percebido na entrevista 02, quando a pessoa entrevistada relata não concordar com a existência de um corpo ideal, mas reconhece que há padrões.

Logo, com a compreensão que o comportamento social parte de um aprendizado individual independente do ambiente pode-se dizer que todo comportamento emitido, seja social ou privado, envolvem os mesmo processos comportamentais, contudo, são os comportamentos sociais que constituem as práticas sociais, através da modelação visto que se comportar por imitação pode ser reforçador quando há probabilidade de ter acesso a um reforço positivo por meio da adição de um estímulo agradável, ou a esquiva de consequências aversivas, através da exposição direta às contingências quando por meio da atuação direta do indivíduo sobre o contexto lhe é permitido acesso direto as consequências desse comportamento e através do enquadramento das regras que são muitas vezes notadas como estímulos verbais discriminativos que possuem grande probabilidade de influenciar o comportamento de um organismo em um contexto de contingências reforçadoras (MARTONE; BANACO; 2003).

Nessa lógica, pode-se compreender a fala dos adolescentes como um comportamental verbal de ordem social, quando por meio da fala estes demonstram a forma como foram modelados, por meio da exposição direta a contingências sociais, que os levam a compreender o corpo ideal dentro dos padrões de uma ditadura da magreza. Ou seja, as representações sociais, aqui compreendidas quanto práticas culturais, assumem um papel importante na construção da percepção e de vivências relacionados ao corpo exibindo assim modelos de comportamento coletivos idealizados socialmente e embasado em concepções voltadas às noções de estética e saúde corporal (CAMARGO *et al*, 2011).

3.3. OS IMPACTOS DO CORPO IDEALIZADO NA SAÚDE MENTAL DOS ADOLESCENTES

“ As pessoas zombam das outras! Eu me sentia muito pequeno. Tipo, para mim eu era grande aí quando zombavam eu diminuía ” (Entrevista 01)

“É como se fosse uma ordem né? Porque pode não tá mandando, mas te obriga a fazer coisas assim, porque se não fosse você não faria. ” (Entrevista 02)

“Eu não gosto do meu corpo. Eu não consigo ter uma autoestima alta com meu corpo, acho meu corpo horrível e sempre as outras vão ser mais bonita que eu” (Entrevista 03)

“O nosso corpo é algo que não deve ser tratado daquela forma [...]. Isso acontece as vezes por não achar bonito, as vezes por se achar gordo de mais, as vezes magro de mais.” (Entrevista 04)

“[...]eu não me sobreponho a padrões, gosto dele do jeito que ele é, mas vezes da aquela bad né? Tipo: queria ter essa cintura, porque essa roupa não cabe em mim, porque fica perfeito pra outra pessoa e não pra mim.... Mas depois passa e eu fico feliz com meu corpo.... Acho que é isso!!!” (Entrevistada 05)

“Ano passado eu era bem magrinha e já me incomodava muito, hoje não mais.” (Entrevistada 06)

Ao analisar a fala dos adolescentes sobre como eles se percebem diante de um padrão no qual os mesmos acreditam ser o ideal, nota-se que a apesar de estarem inseridos numa cultura onde são produtores acabam também se tornando produtos dela, logo os mesmos padrões que estes acabam naturalizando volta a eles mesmos de maneira mais intensa gerando sentimentos de fracasso por admirar e naturalizar um corpo idealizado socialmente, mas não se encaixarem nesses ideais. Pode-se compreender esse fenômeno quando se vislumbra a cultura como uma agência de controle estruturada por contingências reforçadoras mantidas por um determinado grupo, onde se torna possível a compreensão de como a mesma mantém a sua função no estabelecimento de obediência e autocontrole em indivíduos pertencentes a ela.

Nessa perspectiva, nota-se que no desempenhar de seu papel quanto agência de controle, a cultura por meio das práticas culturais consegue mesmo em sua ausência, manter o controle sobre os seus indivíduos. Dessa forma, as práticas culturais se mantêm não só pelo contato do indivíduo com a cultura, mas pela forma como a regra da sociedade é transformada em auto regra para os indivíduos, não sendo assim necessário estar em contato com agência de controle (MATOS, 2001). Esse fenômeno pode ser percebido nas seis entrevistas, entretanto, nota-se mais claramente a percepção de uma regra transformada em auto regra na entrevista 02, onde a pessoa entrevistada é consciente dos processos sociais que padronizam um corpo ideal, mas sente-se obrigada pelos mesmos a se encaixar.

A auto regra é definida como contingências enunciadas pelo indivíduo após a exposição do mesmo a contingências reforçadoras que desempenham controle sobre a resposta do mesmo. Contudo, a auto regra também pode ser compreendida como uma regra emitida por um falante confiável na qual devido a sua contingência reforçadora passa a ser auto regra dos indivíduos. Nesse sentido, pode-se considerar que as práticas culturais que normalmente são repassadas por pessoas confiáveis para os indivíduos tornam-se auto regras para estes.

Entretanto, essas auto regras nem sempre desempenham um papel reforçador para os sujeitos, pois se compreende que atrelada à noção de auto regra torna-se necessário a compreensão do autoconhecimento, este que desempenha a função de interação entre o organismo e o ambiente (REIS; TEIXEIRA; PARACAMPO, 2005). Ou seja, para que o indivíduo emita comportamentos futuros, o mesmo deveria compreender as variáveis das quais o seu comportamento foi função, logo o conhecimento destas leva o indivíduo a auto regras inadequadas que podem gerar sofrimento para o mesmo.

Por esse ângulo, infere-se que os padrões de beleza impostos socialmente são regras de uma cultura, transformadas em auto regras pelos seus indivíduos que os levam a buscar cada vez mais o corpo ideal. Entretanto, essa busca incessante leva-os ao oposto de bem-estar que os padrões pregam e, uma nova faceta do mundo idealizado começa a demonstrar-se aversivo para os sujeitos onde desencadeiam sensações de fracasso, perda de autoestima, exclusão social bem como o sofrimento psíquico (BRAGA *et al*, 2010).

Na fala dos adolescentes, nota-se a forma como essas auto regras causam sofrimento nos mesmos através do controle cultural e social, que mesmo sem estarem expostos a contingências continuam sendo controlados por meio destas. A busca por se encaixar em padrões é reforçada por meio do comportamento naturalizados no repertório comportamental dos próprios adolescentes em evitar e menosprezar o corpo fora do padrão. Nessa lógica, apesar de se esquivar dos eventos aversivos, que no caso dos adolescentes é o fato de serem zombados ou apontados como fora dos padrões, estes ainda continuam expostos a contingências que os levem a buscar cada vez mais a esquiwa, que geram impactos na saúde física e mental dos mesmos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O olhar sobre a adolescência diante de um contexto histórico, onde se percebe que a mesma é a culminação de inúmeros processos culturais que resultam nos estereótipos hoje naturalizados e circunscritos a meras justificativas sociais de que é natural o sofrimento nesse período da vida, elucidada a compreensão de como o sofrimento dos adolescentes acabam sendo banalizados e reduzidos a esses estereótipos construídos socialmente.

Estar inserido numa cultura onde a ditadura da magreza imposta socialmente é um dos principais fatores que desencadeiam a percepção do corpo como um produto que pode ser moldado, customizado para ser algo correspondente ao desejo social, aqui compreendido como o principal consumidor deste produto, é o que de fato pode levar o adolescente a se

submeter às regras sociais seguidas e repassadas por pessoas ao seu redor e pelos meios de comunicação, mais especificadamente as redes sociais que detém grande poder sobre as práticas culturais da atualidade.

A busca por ter e manter a tão sonhada beleza imposta socialmente parte do pressuposto de que tê-la pode ser sinônimo de ascensão social, visto que historicamente o caráter individual de cada sujeito era interpretado pela forma como o seu corpo se expressava socialmente. Nesse sentido, a compreensão de corpo na atualidade ainda é atrelada ao bem-estar físico idealizado socialmente, onde por meio de uma regra social tornada em auto regra os sujeitos passaram a vigiarem o seu corpo, os tornando assim responsáveis pelo seu próprio bem-estar, e o corpo do outro, como algo a nível de saúde pública. Logo, o indivíduo com o corpo fora dos padrões carrega estigmas como: desleixado ou fracassado (CAMPOS *et al*, 2016).

Portanto, compreendendo os processos culturais que levam os adolescentes a se comportarem em função da busca por um ideal de corpo que desencadeia fortes impactos na saúde física e mental, percebido em todos os relatos das entrevistas, devem-se dar ênfase na necessidade de desmistificar o real interesse capitalista escondido por trás dos padrões de beleza, dando voz as discussões sobre o tão estigmatizado corpo real.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **História social da infância e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BRASIL. Lei Federal n. 8069, de 13 de julho de 1990. ECA _ **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em: 10 nov. 2019.

BERNI, V. L. & Roso, A. (2014). **A adolescência na perspectiva da psicologia social crítica**. *Psicologia & Sociedade*, 26(1), 126-136.

CAMARGO, Brígido Vizeu *et al*. **Representações sociais do corpo: estética e saúde**. *Temas psicol.* Ribeirão Preto, v. 19, n. 1, p. 257-268, jun. 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2011000100021&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 nov. 2019.

CIAMPO, Luiz Antônio; CIAMPO, Leda Regina Lopes. **Adolescência e imagem corporal**. *Adolesc. Saude*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 4, p. 55-59, out/dez 2010.

CORSEUIL MW *et al.* **Prevalência de insatisfação com a imagem corporal e sua associação com a inadequação nutricional em adolescentes.** Rev Ed Fís/UEM; 20:25-31, 2009.

DAMASCENO, V.O.; VIANNA, V.R.A.; VIANNA, J.M.; LACIO, M.; LIMA, J.R.P.; NOVAES, J.S. **Imagem corporal e corpo ideal.** R. bras. Ci e Mov. 2006; 14(1): 87-96.

DELITTI, M. & GROBERMAN, S. (2005) **Skinner e Terapia. Em: Análise do Comportamento: Teorias e Práticas.** (Borloti, Ribeiro & Enumo, Orgs.) Santo André: ESetc

GIL, Antônio Carlos, 1946 - **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002

GUARESCHI, N. **Infância, adolescência e a família: práticas PSI, sociedade contemporânea e produção de subjetividade.** In JACÓ-VILELA, AM, and SATO, L., orgs. *Diálogos em psicologia social* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012. p. 254-268. ISBN: 978- 85-7982-060-1. Available from SciELO Books.

HART, E. A. **Avaliando a imagem corporal.** In: TRITSCHLER, K. *Medida e avaliação em Educação Física e esportes de Barrow&McGee.* 1. ed. Barueri: Manole, 2003. p. 457-488.

LEVI, R. **O adolescente.** In: EIZIRIK, Cláudio Laks, KAPCZINSKI, Flávio e Ana Margareth, 2001.

MATOS, Maria Amélia. **Comportamento governado por regras.** Rev. bras. ter. comport. Cogn. São Paulo, v.3, n.2, p.51-66, dez. 2001. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151755452001000200007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 02 nov. 2019.

MELO, José Laurenio de; Carvalho. **Rio de Janeiro: Grafhia Editorial, 1999.2.** Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.35, p. 311-316, set.2009 - ISSN: 1676-2584.

MELO. C. S; IVASHITA, S. B; RODRIGUES, E. Resenha do livro: POSTMAN, Neil. **O Desaparecimento da Infância.** Tradução: Suzana Menescal de A.

MENESES, Glysa de Oliveira; HOLANDA, Leonardo Carneiro; XIMENES, Verônica de Moraes; SANTOS, Walberto da Silva. **Interlocuções entre a psicologia analítica-comportamental e da libertação: algumas contribuições de skinner e martin-baró.** Revista de Psicologia, Fortaleza, v. 7, ed. 2, p. 87-98, julho/ dezembro 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/6277>. Acesso em: 11 nov. 2019

MELO, Camila Muchon; MOREIRA, Márcio Borges. **Análise Comportamental da Cultura- Parte I.** In: MOREIRA, Márcio Borges. *Comportamento e Práticas culturais.* Brasília: Instituto Walden4, 2013. cap. 7, p. 72-94. ISBN 978-85-65721-01-1.

MELO, Camila Muchon; MOREIRA, Márcio Borges. **Análise Comportamental da Cultura- Parte II.** In: MOREIRA, Márcio Borges. *Comportamento e Práticas culturais.* Brasília: Instituto Walden4, 2013. cap. 8, p. 95-118. ISBN 978-85-65721-01-1.

MOREIRA, Márcio; MARTONE, Ricardo; TODOROV, João; In J. C. Todorov, R. C. Martone, & M. B. Moreira (Org.), **Metacontingências: comportamento, cultura e sociedade** (pp. 149-159). Santo André: ESETec Editores Associados

MOREIRA, Márcio Borges; MACHADO, Vívica Lé Sénéchal; TODOROV, João Cláudio. **Cultura e Práticas culturais**. In: MOREIRA, Márcio Borges. Comportamento e Práticas culturais. Brasília: Instituto Walden4, 2013. cap. 2, p. 14-23. ISBN 978-85-65721-01-1.

NASCIMENTO, Luciana de Cassia Nunes et al . Saturação teórica em pesquisa qualitativa: relato de experiência na entrevista com escolares. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília , v. 71, n. 1, p.228-233, fev. 2018.

NERI, Lorena Bezerra; FONSECA, Flávia Nunes. **Análises funcionais moleculares e molares: um passo a passo**. In: FARIAS, Ana Karina; NERI, Lorena Bezerra; FONSECA, Flávia Nunes (org.). Teoria e Formulação de Casos em Análise Comportamental Clínica.02. ed. [S. l.]: Artmed Editora, 2018. cap. 1.

PEREIRA, L. F. 1 Resenha livre de POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância. Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, SP, v. 18, n. 19, p. 148-152, jan./abr. 2011.

POSTMAN, Neil. **O Desaparecimento da Infância**. Tradução: Suzana Menescal de A. Carvalho e José Laurenio de Melo. Rio de Janeiro: Grafhia Editorial, 1999.

SALLES, L.M.F. **Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos**. Estud. Psicol. (Campinas) vol.22 no.1 Campinas Jan./mar. 2005.

SKINNER, B.F. **Ciência e comportamento humano**. Trad. TODOROV, J.C.; AZZI, R. Ed. Martins Fontes. São Paulo 2003.

SAMPAIO, Ângelo Augusto Silva; ANDERY, Maria Amália Pie Abib. Comportamento Social, Produção Agregada e Prática Cultural: **Uma Análise Comportamental de Fenômenos Sociais. Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 26, n. 1, p. 183-192, Janeiro; Março 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=0102-3772&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 05 de set. 2019.

SECCHI, Kenny; CAMARGO, Brígido Vizeu; BERTOLDO, Raquel Bohn. **Percepção da Imagem Corporal e Representações Sociais do Corpo**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília, v. 25, n. 02, p. 229-236, abril; junho 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=0102-3772&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 09 set. 2019.

SOUSA, Anderson Rodrigues; ARAÚJO, Janieiry Lima; NASCIMENTO, Ellany Gurgel. **Imagem corporal e percepção dos adolescentes**. Adolesc. Saude, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 104-117, out/dez 2016

TODOROV, João Cláudio, *et al.* **Metacontingências: comportamento, cultura a sociedade - Org.** J.C. Todorov. R. C. Martone, M B. Moreira. 1-Ed Santo André. SP: ESETec Editores Associados. 2005.